

FORMAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA DE FRANKFURT

Paulo Guilhermeti¹
Luciane Neuvald²

RESUMO

Este artigo discute a formação cultural na Escola de Frankfurt mais especialmente as reflexões de Theodor Adorno, que estabelece novos conteúdos e formas para a formação cultural. Esta, sob o império da semiformação e da indústria cultural, converte-se em um processo adaptativo que favorece a fraqueza do Eu, a desindividualização, a perda da autenticidade dos objetos culturais e da possibilidade da experiência formativa. Diante dessas limitações, algumas questões são apontadas como possibilidade de resistência à deformação da cultura: a crítica da sociedade contemporânea, a recuperação da experiência formativa e da aptidão à experiência, a desbarbarização e o fortalecimento do Eu a partir de experiências de diferenciação.

Palavras-chave: Teoria Crítica; formação cultural; indústria cultural.

O objetivo deste texto é fazer uma análise sobre a contribuição da Teoria Crítica, em especial o pensamento de Theodor Adorno, para a compreensão dos dilemas e desafios da formação cultural na atualidade. Este esforço teórico terá três momentos distintos de reflexão, mas inseparáveis enquanto mediações que procuram desvelar nuances que envolvem o objeto de análise. O primeiro momento procura mostrar o significado da Teoria Crítica da Sociedade como o empenho de um grupo de estudiosos que buscam compreender as manifestações da sociedade capitalista, que surgem a partir do início do século XX e estabelecem novas formas de dominação política e cultural. O segundo momento destaca a reflexão que Theodor Adorno faz desta nova etapa da sociedade burguesa que estabelece novas formas e conteúdos para a formação cultural, sendo que os conceitos de “indústria cultural” e “semiformação” assumem centralidade na compreensão da dinâmica dessa sociedade. O terceiro momento aponta alguns caminhos para resistir à deformação crescente promovida pela indústria cultural.

A Teoria Crítica da Sociedade ou a “Escola de Frankfurt” refere-se simultaneamente a um grupo de intelectuais e a uma teoria social. Para Freitag (2004) este termo tem mais uma referência geográfica relativa a origem dos

¹ Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, mestre em educação pela UNICAMP e doutor em educação pela UNIMEP.

² Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, mestre em educação pública pela UFMT.

seus mais representativos pensadores como Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse e Habermans, já que a maior parte da obra desta “Escola” foi produzida fora de Frankfurt.

Para Bottomore (1988) este conjunto de idéias produzidas, sobretudo a partir de 30, é a tentativa de compreensão de um contexto da sociedade capitalista que marca o colapso dos partidos de massa e a ascensão do nazismo na Alemanha, a degeneração da Revolução Russa de 1917 e a formação das modernas sociedades de consumo e a cultura de massas, especialmente no Estados Unidos. Esta nova configuração social foi determinante para a busca de uma alternativa de interpretação da teoria marxista que privilegia temas como o autoritarismo e as novas forma subjetivas de dominação.

Embora os termos “Teoria Crítica” ou “Escola de Frankfurt” possam sugerir uma unidade teórica e política entre seus representantes, isso nem sempre ocorreu. Trata-se de um corpo de conhecimentos diferenciados e um grupo bastante heterogêneo. Portanto, o estudo sobre estes pensadores e suas análises precisa de uma delimitação.

Vários foram os temas que envolveram a reflexão da Teoria Crítica, sendo que três podem ser considerados mais expressivos: a dialética da razão iluminista, a dupla face da cultura e a questão do Estado. Os dois primeiros temas estão presentes de maneira mais expressiva nas reflexões da chamada “velha” Teoria Crítica da qual faz parte Adorno – além de Benjamin, Horkheimer e Marcuse – e são os mais pertinentes para a discussão da formação cultural na atualidade. O terceiro tema, referente à questão do Estado, é discutido por autores como Habermans e Claus Offe.

A dialética da razão é analisada por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*, publicada, pela primeira vez, em 1948. Neste livro, os autores partem da tese que num “... sentido amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19). A razão, inicialmente concebida como instrumento de emancipação e autodeterminação dos homens, em sua trajetória de crescente instrumentalização converte-se em instrumento de dominação da natureza interna e externa dos homens. A assertiva kantiana expressa no célebre texto *Was ist Aufklärung?* (O que é esclarecimento?), de que o homem poderia conseguir sua autonomia fazendo uso de sua própria razão e assim se libertar dos mitos, dos deuses, das leis da natureza, enfim das forças externas que governavam o seu destino, acabou não acontecendo.

A razão que se manifestava à época de Adorno e Horkheimer já não é a mesma expressa em Kant. Sob a ordenação social do capitalismo tardio a razão contida na ciência e na técnica passou a ser uma razão instrumental e repressiva. De libertadora a razão tornou-se alienante. Ao perder de vista a dimensão emancipatória a razão instrumental tornou-se um meio meramente formal para atingir determinados fins. Assim, ela pretende ser eticamente

neutra e opera a partir da especificidade de seus objetos, restringindo-se a experiência empírica como realidade total.

Juntamente com a reflexão sobre a dialética da razão, outro tema que ocupou as análises de Adorno foi o duplo caráter da cultura. A partir dos textos sobre *A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica* (1936) de Walter Benjamin e *Sobre o caráter afirmativo da cultura* (1937) de Herbert Marcuse, Adorno dedica significativas reflexões sobre a temática da cultura de massas. Em *O fetichismo da música e a regressão da audição*, o pensador frankfurtiano reconhece o processo de liquidação do indivíduo como um sinal característico da nova época cultural – especialmente no tocante a música – que vive a sociedade capitalista. No ensaio dedicado a discussão da indústria cultural da obra *Dialética do esclarecimento*, juntamente com Horkheimer, Adorno analisa de maneira magistral como a cultura de massas reorganiza a sociedade e define a formação cultural como processo meramente adaptativo à lógica burguesa. Assim como a razão, a cultura perdeu de vista sua dimensão emancipatória para se converter em serva fiel da acumulação.

A utilização do termo “indústria cultural” para Adorno tem a finalidade de suprimir a interpretação de que a cultura de massas seria uma manifestação cultural que surge espontaneamente das massas. Esta nova forma de cultura tem a ver com a cultura folclórica ou com a cultura erudita, embora possa se apropriar das mais diversas manifestações artísticas e culturais para adequá-las à lógica do mercado.

A cultura de massas, ou melhor, a indústria cultural, é assim a expressão ideológica da racionalidade técnica da sociedade industrial que assegura a manutenção da hegemonia dos valores de troca pela mediação da cultura que transforma a troca – que é mediada socialmente – numa imediatez aparente. A indústria cultural generaliza o conceito marxista de fetichismo da mercadoria estendendo a alienação do tempo de trabalho para o tempo livre através do “produtos culturais”. Sob essa lógica a produção artística é mercantilizada ao mesmo tempo em que se apresenta como impossível de ser vendida. O consumidor tem a impressão de ter um contato imediato com a obra, no entanto ela é produto da indústria cultural.

A indústria cultural vende a impressão de que a cultura está sendo democratizada, quando na verdade ela está sendo massificada. Esta falsa democratização da cultura pune o gosto individual que é mais sensível aos valores estéticos, pois oferece produtos para o consumidor “médio”, promovendo um nivelamento subjetivo pelo senso comum. Isto é o que acontece com os grandes jornais, revistas, produção cinematográfica, com a música e a televisão que oferecem seus produtos a diferentes idades, aos dois sexos, as diversas classes sociais, isto é, a todos e a ninguém. Os jornais tendem ao ecletismo juntando religião, esportes, política, humor, lazer, etc., enquanto os filmes oferecem amor, ação, humor em doses variadas. A tentativa de satisfazer todos os gostos e interesses é a receita para melhor se obter lucros com o comércio das produções artísticas capturadas pela indústria cultural.

O acesso aos produtos da indústria cultural tem como preço a desindividualização da relação entre produtor, produto e consumidor. A racionalização deste processo traz a atrofia da capacidade dos indivíduos de pensar e agir de maneira crítica e autônoma. A possibilidade de emancipação tal como proposta por Kant perdeu de vista sua realização.

Da mesma maneira como a indústria cultural reordena a sociedade capitalista tardia promovendo uma extensão da lógica alienante do trabalho para o tempo livre pela mediação dos produtos culturais, a forma como os indivíduos passam a apreender a si mesmos e o mundo se dá agora pelo processo que Adorno chama de semiformação. A semiformação enquanto lado subjetivo da indústria cultural promove uma integração dos indivíduos a partir de falsas experiências. Nas suas relações, destituídas de autenticidade, os sujeitos do capitalismo contemporâneo se reconhecem num processo de socialização que dispensou a referência da experiência formativa nos termos do trabalho social apresentando no lugar desta uma experiência aparente, afirmativa e destituída de contradições. Os indivíduos precisam participar desta falsa experiência – e o fazem consumindo valores de troca – para se sentirem parte integrante e orgânica desta sociedade. E ao fazerem isto acabam estendendo a reificação para todos os instantes da vida social. Este comportamento de experiência socializante e não-formativa se consolidou como verdadeira “segunda natureza” para os indivíduos prejudicados, semiformados nos termos da adequação total ao “status quo”.

Essa crise do processo formativo e educacional, manifestada a ausência de experiências verdadeiras, redundando no império do que já se encontra formado, isto é, na dominação do existente. As relações de produção não afetam apenas a dinâmica material objetiva, mas também interagem no plano subjetivo, onde a dominação é interiorizada. Nesse processo, tornam-se decisivos os efeitos do aparelho pulsional. Os conteúdos semiculturais são irracionais, conformistas e favorecem a interiorização de traços autoritários na formação da personalidade. Os conteúdos irracionais apelam contra a razão, a vida intelectual e a cultura. Os conteúdos conformistas favorecem a fraqueza do “eu” e estimulam comportamentos de assimilação e adaptação das massas aos interesses dominantes. Essa dinâmica só é possível porque a indústria cultural efetivamente satisfaz interesses objetivos e subjetivos dos indivíduos. Por isso a continuidade do processo semiformativo converte o esclarecimento em obscurecimento e cria as condições sociais objetivas que formam a racionalização industrial do terror e da morte ou a possibilidade e a existência de Auschwitz.

O que cabe fazer diante da indústria cultural e da semiformação? Não se trata de voltar ao passado, de saudosismo, de retorno ao conceito original ou esperar que isso se resolva por meio de reformas pedagógicas, mas sim se deve compreender o fenômeno de forma social, objetivamente, diz Adorno. Do ponto de vista teórico, a tarefa que se impõe para a educação numa perspectiva adorniana seria a construção de uma “educação negativa”, uma educação capaz de pensar sobre si própria e buscar a autonomia dos indivíduos envolvidos no processo formativo (ADORNO, 1995).

A primeira questão que se apresenta diante da semiformação generalizada é problematizar quais são os objetivos da educação na atualidade, pois estes perderam a evidência na sociedade capitalista tardia. Assim, não basta apenas restituir o *para quê* da educação exteriormente – por um juízo de valor –, mas inseri-lo na própria crítica da formação cultural contemporânea. A educação hoje deve se apresentar como uma exigência política. Afirmando a atualidade do programa de Kant, Adorno concebe, assim, a educação como emancipação.

Uma segunda tarefa para recuperar a experiência formativa seria considerar a ambivalência no conceito de educação entre adaptação e autonomia. Assim, percebe-se que a adaptação já se impõe aos homens desde início. A adaptação é necessária. O peso maior a ser dado pela educação familiar e formal seria fortalecer a resistência para enfrentar a exacerbação do realismo da adaptação, desde a primeira infância.

Uma terceira tarefa da educação hoje seria recuperar a aptidão à experiência. Aqui não há um confronto com a ausência de possibilidades formativas, mas de um antagonismo em relação à consciência. Há nas pessoas hoje uma aversão em relação à educação. Elas querem se desvencilhar da experiência que dificulta sua orientação existencial num mundo que tende ao sempre igual. As pessoas lutam contra si mesmas. A aptidão à experiência, a espontaneidade e a criatividade constituem pressupostos à existência e ampliação da reflexão que perpassa toda estrutura educacional, ou seja, o confronto entre o pensamento do sujeito e o que ele não é. A reflexão não é apenas uma necessidade do pensamento lógico formal, mas a capacidade de o sujeito fazer experiências com a realidade a qual se defronta.

Uma quarta tarefa da educação para Adorno seria a necessidade de “desbarbarizar”. A barbárie, para o pensador frankfurtiano, é o estado de atraso das pessoas em relação ao alto nível de desenvolvimento da civilização. Esse atraso é caracterizado pela ausência de experiências formativas correspondentes a este conceito de civilização e, também, pela incorporação nas pessoas de uma agressividade ou ódio primitivo, um impulso de destruição que contribui para aumentar o perigo da autodestruição dos próprios homens. Desbarbarizar não significa apenas um elogio à moderação da violência. Como todas as pessoas encontram-se num contexto de culpabilidade produzida pelo sistema, ninguém está livre de “traços” de barbárie. O fundamental é, então, orientar os esforços contra o princípio de barbárie, da violência gratuita e espontânea.

Finalmente, pode-se dizer que, para Adorno, a emancipação precisa ser acompanhada por uma firmeza do eu, da unidade combinada do eu tal como formado no modelo do indivíduo burguês. A instantaneidade das experiências produzidas pela vida moderna impõe permanentes mudanças e adaptações, no trabalho e no lazer, que dificultam a formação de um eu firme e, ao mesmo tempo, relaciona-se de maneira problemática com a sua fragilização. É uma questão em aberto saber se pessoas, que se adaptam facilmente às mudanças profissionais são ou não emancipadas, se nos finais de semana elas abandonam qualquer reflexão nos estádios desportivos. O mesmo processo

que torna possível a maioria põe em risco a emancipação a partir da fraqueza do ego.

Hoje a pressão exercida sobre as pessoas pela organização do mundo ou pelo controle planejado da indústria cultural atinge até o íntimo de cada um e revela as enormes dificuldades que se opõem à emancipação da vida heterônoma de pessoas formadas pela sociedade por inúmeros canais e instâncias mediadoras. Esses apontamentos referem-se a uma educação formal do eu que se posiciona diante da carência de possibilidades sociais de individuação, já que os processos de trabalho não exigem mais estas qualidades específicas. Premiando a não-individuação, a semiformação reforça o enfraquecimento do Eu. Como a individualidade não é algo dado, não se pode pretender conservá-la nas pessoas, mas é possível proporcionar outras experiências como momentos de diferenciação. Para que isso não se torne uma imposição ou uma educação ideológica é preciso tornar todo o processo educativo consciente e transparente. Mesmo a dimensão da adaptação deve ser considerada necessária e inevitável para possibilitar sua própria transcendência. Nesse sentido, o indivíduo sobrevive enquanto tal ou como núcleo impulsionador da resistência.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *Educação e emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *O fetichismo da música e a regressão da audição*. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1994.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KANT, Immanuel. O que é esclarecimento (Aufklärung)?. *In: Textos Seletos (Edição Bilíngüe)*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. *In: Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.